



Fórum de Educação Tarrafal

Ponte entre Ciência e Prática Unidas

9 a 11 de abril de 2025



**“A educação é um ato cultural – ela nos dá a liberdade
de moldar o nosso próprio futuro.”**

José Maria Neves,
Presidente da República de Cabo Verde, no seu discurso de abertura



ÍNDICE

Prefácio	3
QUARTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 2025, NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO	
Introdução	4
Discurso de Abertura de Florian (Delta Cultura)	4
Discurso de Abertura do Presidente da Câmara Municipal do Tarrafal.	4
Discurso de Abertura do Presidente da República de Cabo Verde	5
Ciclo de Palestras	6
Palestra 1: Introdução à Neurociência da Aprendizagem	6
Palestra 2: Psicologia da Aprendizagem: Contributos Atuais da Investigação Científica.	8
Palestra 3: Pensamento Transcendente e Desenvolvimento Cerebral na Adolescência	10
QUINTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2025, AMBIENTES DE A APRENDIZAGEM E INOVAÇÃO	
Palestra 4: Ambientes de Aprendizagem em Cabo Verde: Uma Análise Crítica com Base no Modelo CLIA	12
Palestra 5: Impactos da Dependência Tecnológica	14
Palestra 6: Avaliação ao Serviço da Aprendizagem	16
Painel de Discussão	18
SEXTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2025, WORLD CAFÉ E REFLEXÃO	
World Café	20
Sessão de Encerramento do Fórum de Educação.	26
Conclusões Finais – Estudantes Universitários.	27
Pergunta Final aos estudantes.	29
Intervenções Finais	30
Perspetiva	32
Impressões	33
O nosso sincero agradecimento	37



Belinda Viana, mestre de cerimónia do Fórum de Educação, mestre em Psicologia, professora na Universidade de Cabo Verde.

PREFÁCIO

O **Fórum de Educação de Tarrafal – Ponte entre Ciência e Prática** foi organizado pela **Delta Cultura**, pelo **Município do Tarrafal**, pela **Universidade de Cabo Verde (Uni-CV)** e pela **Universidade de Santiago (US)**. O evento realizou-se de **9 a 11 de abril de 2025**, no Mercado Municipal de Artesanato e Cultura, em Tarrafal. O objetivo do Fórum de Educação foi promover o intercâmbio entre os conhecimentos científicos e a prática educacional e social em Cabo Verde, incentivando reflexões e propondo impulsos concretos para mudanças no sistema educativo.

A iniciativa partiu da **Delta Cultura**, motivada pelo desejo de impulsionar uma discussão profunda sobre o sistema educativo cabo-verdiano – com o propósito de encorajar novas abordagens e fomentar a inovação baseada tanto em fundamentos científicos quanto em experiências práticas.

A programação incluiu **seis palestras**, que abordaram temas centrais como a aprendizagem na perspetiva das neurociências, fundamentos psicológicos, ambientes de aprendizagem e métodos de avaliação, seguidas por um **debate final**, centrado na aplicação desses conhecimentos à realidade educativa de Cabo Verde. No terceiro dia, realizou-se um **World Café** – um formato participativo de diálogo em que os participantes trocam ideias em pequenos grupos rotativos, desenvolvendo coletivamente propostas e reflexões.

Este relatório **não é um volume científico de conferência**. Um documento com esse caráter está a ser preparado pelas universidades envolvidas. O presente relatório pretende ser um convite para continuar a refletir sobre as ideias lançadas no Fórum de Educação – e um incentivo a agir em prol da transformação do sistema educativo, em diferentes níveis.



As estudantes do protocolo

CERIMÓNIA DE ABERTURA

Representantes das instituições organizadoras dirigiram-se aos participantes com breves discursos. As suas intervenções ofereceram uma visão dos objetivos, motivações

e expectativas associadas ao fórum – dando início a três dias de intercâmbio intenso.



DISCURSO DE ABERTURA DE FLORIAN WEGENSTEIN COFUNDADOR DA DELTA CULTURA

Florian inicia seu discurso com a pergunta: como podemos preparar as crianças para um futuro que ainda ninguém consegue imaginar? Ele reflete sobre seu próprio percurso — como começou, já há alguns anos, a se afastar das concepções tradicionais de escola e a desenvolver um interesse pela neurociência. Para ele, o fórum é um espaço onde essa busca por ciência e educação entra em diálogo com outras pessoas.

Florian destaca que, mais do que o sistema educacional em si, o que realmente importa são os seres humanos que o constroem. Seu desejo para os três dias de fórum é que algo significativo aconteça para cada participante — um momento marcante, uma conversa inspiradora — algo que permaneça na memória e seja guardado com carinho. Ele encerra agradecendo, com sinceridade, pela oportunidade de participar do evento.



DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE TARRAFAL, JOSÉ DOS REIS LOPES VARELA

O Presidente da Câmara inicia sua fala com cumprimentos protocolares às autoridades presentes, destacando a importância do Fórum de Educação para o município de Tarrafal. Ele expressa grande honra em receber o evento e agradece Delta Cultura pela iniciativa e parceria.

Enfatiza que a educação é um investimento seguro e essencial para o futuro, e reforça o compromisso da câmara municipal em apoiar projetos que promovam a formação de crianças e jovens. Para ele, o fórum é um espaço fundamental de reflexão sobre os desafios e caminhos da educação.

Ele conclui reafirmando a total disponibilidade da câmara para continuar a cooperar em iniciativas similares, reconhecendo a educação como uma prioridade para o desenvolvimento local. Deseja a todos um fórum produtivo e frutífero.

DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE CABO VERDE, JOSÉ MARIA NEVES



O Presidente da República abriu o Fórum de Educação Tarrafal com um discurso no qual destacou a importância da educação para o desenvolvimento do país.

O Presidente da República fez uma retrospectiva dos últimos 50 anos desde a independência e elogiou os grandes avanços no setor educativo: acesso generalizado, expansão do ensino primário e secundário e a criação de universidades.

“A educação é um ato cultural – ela nos dá a liberdade de moldar o nosso próprio futuro.”

Salientou que a educação foi um motor central de mobilidade social, igualdade e especialmente do empoderamento das mulheres cabo-verdianas.

Ao mesmo tempo, apelou para reformas profundas no sistema educativo, de forma a responder melhor aos desafios do século XXI.

A educação do futuro, segundo o Presidente da República, deve ser focada na adaptabilidade, curiosidade, trabalho em equipa, inteligência emocional e capacidade de resolver problemas.

Referiu-se a exemplos internacionais (como o Japão), onde o desenvolvimento pessoal das crianças ocupa o lugar central.

O Presidente da República alertou contra a persistência de um pensamento colonial de dependência e apelou para o fortalecimento da autonomia e da autoconfiança.

A escola, segundo ele, não deve apenas transmitir conhecimentos, mas descobrir talentos e desenvolver o potencial de cada indivíduo.

No final, sublinhou que o desenvolvimento é, acima de tudo, um ato cultural, e que a verdadeira liberdade só pode ser alcançada através da educação e da autonomia.

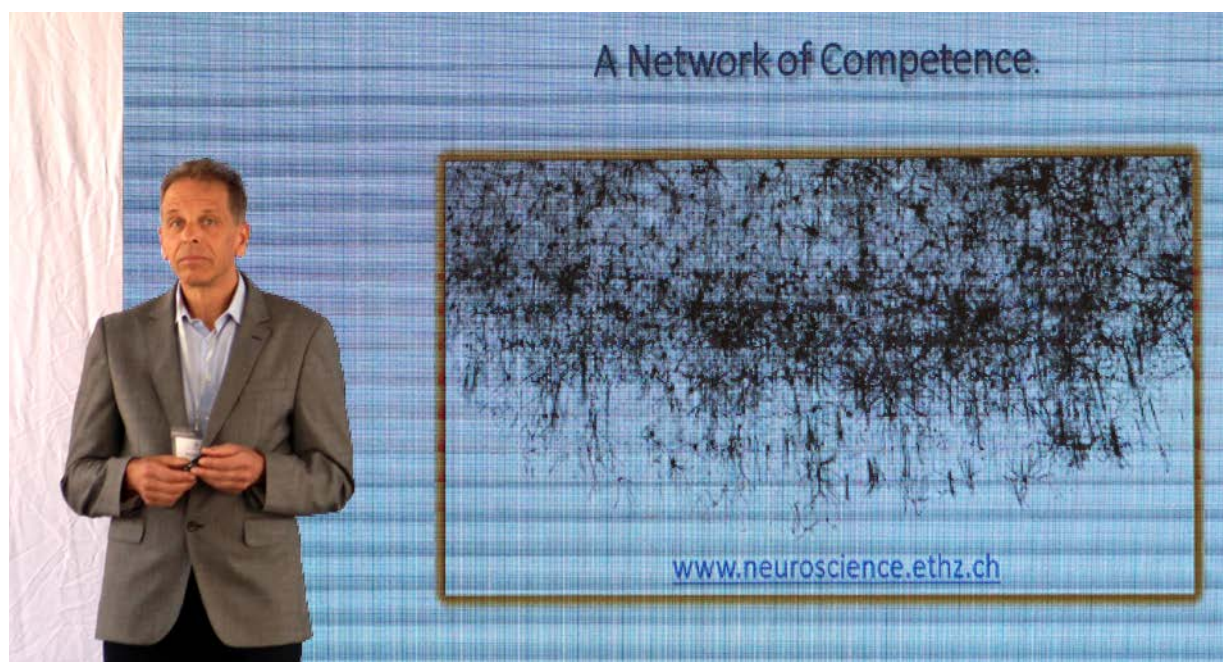
Elogiou a iniciativa da Delta Cultura e incentivou todos a reformular corajosamente a educação, pensando “fora da caixa” para construir o futuro de Cabo Verde.



CICLO DE PALESTRAS

Após a abertura, seguiram-se seis palestras que marcaram o conteúdo central do fórum. Investigadores de Cabo Verde, da Europa e dos Estados Unidos apresentaram

contributos essenciais da investigação em educação, psicologia e neurociência – relacionando-os com questões e desafios da realidade educativa cabo-verdiana.



PALESTRA 1

INTRODUÇÃO À NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM

DR. WOLFGANG KNECHT (Universidade de Zurique e ETH Zurique)

Wolfgang Knecht é diretor executivo do Centro de Neurociência de Zurique (Universidade de Zurique e ETH Zurique). Físico com doutorado em redes neurais aplicadas à acústica, atuou na indústria e liderou grandes redes de pesquisa em neurociência. Representa o ETH Zurique no consórcio europeu EIT Health.

O Dr. Wolfgang Knecht, Diretor do Centro de Neurociência de Zurique (Universidade de Zurique e ETH Zurique), apresentou uma palestra sobre como o cérebro aprende. Ele destacou a importância da neuroplasticidade, das fases críticas de desenvolvimento e os limites dos mitos populares sobre o cérebro.

Ele começou desmistificando equívocos amplamente difundidos – como a ideia de que usamos apenas 10% do nosso cérebro ou de que os estilos de aprendizagem (visual, auditivo, cinestésico) são neurologicamente fixos. Com base em descobertas da neurociência e imagens de fMRI, mostrou que muitas funções cerebrais envolvem ambos os hemisférios e que a aprendizagem eficaz ativa vários sistemas ao mesmo tempo.

Explicou diferentes tipos de aprendizagem (motora, perceptiva, associativa, observacional) e como as memórias são armazenadas em conexões sinápticas. Com base no trabalho do Prêmio Nobel Eric Kandel, mostrou que a aprendizagem literalmente remodela as sinapses do cérebro – sendo essa remodelação a base biológica da memória.

O Dr. Knecht também destacou:

■ **O longo processo de maturação cerebral** – especialmente do córtex pré-frontal, que está associado à tomada de decisões, regulação emocional e controle de impulsos. Esta região continua a desenvolver-se até cerca dos 20 anos de idade.

■ **A importância do sono e da atividade física** para a consolidação da memória e a saúde cerebral.

■ **Que o bilinguismo precoce** favorece uma conectividade cerebral ideal – principalmente se for introduzido durante as chamadas “janelas críticas” da infância.

■ **Que o treino de uma função cerebral específica** (por exemplo, memória de trabalho) melhora apenas essa capacidade – e não a inteligência geral.

■ **Que o treino de uma determinada competência** geralmente não se transfere para outras: para melhorar uma habilidade específica, é necessário praticá-la diretamente.

Concluiu esta parte apelando a uma **inovação educacional baseada em evidências**, que respeite o desenvolvimento natural do cérebro. Estimulo sustentável e relevante – aliado a descanso, movimento e envolvimento emocional – pode, segundo Knecht, melhorar significativamente a aprendizagem.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A PALESTRA 1

1. Sobre o aprendizado tardio de línguas e os videojogos

O Dr. Knecht confirmou que é possível aprender uma segunda língua na idade adulta, embora a conectividade das áreas cerebrais envolvidas seja menos otimizada do que em pessoas bilíngues desde o nascimento. Há grande variabilidade individual: algumas pessoas aprendem com facilidade, outras têm mais dificuldade.

Quanto aos jogos, mencionou pesquisas na Suíça sobre jogos não violentos que apoiam o desenvolvimento de habilidades cognitivas. Esses jogos são mais adequados para uso escolar do que os violentos amplamente disponíveis, mas ainda são relativamente raros.

2. Sobre viver com apenas um hemisfério cerebral

Esses casos são extremamente raros. Embora existam limitações, algumas pessoas conseguem funcionar relativamente bem no dia a dia. No entanto, apenas cerca de 20% dessas pessoas chegam à idade adulta. O conhecimento científico nesta área é limitado devido à raridade dos casos.

3. Sobre sono, exercício e formação de professores

O Dr. Knecht voltou a enfatizar a importância do sono e da atividade física para a aprendizagem e a saúde cerebral. Sugeriu promover a conscientização entre os jovens sobre os benefícios do sono e do exercício. Também defendeu a inclusão da neurociência nos programas de formação de professores.

4. Sobre vídeos curtos e atenção

Houve preocupação com o impacto dos formatos de vídeo curto na atenção das crianças. O Dr. Knecht compartilhou a impressão pessoal de que os alunos de hoje parecem ter uma capacidade de atenção mais curta do que há 20 anos – embora não conheça estudos conclusivos sobre isso. As evidências atuais são em grande parte anedóticas. Os vídeos curtos podem incentivar um envolvimento superficial, reduzindo a concentração e o aprendizado profundo ao longo do tempo. São necessárias mais pesquisas controladas para tirar conclusões científicas.

5. Sobre dados de DNA versus conhecimento adquirido e estilos de aprendizagem

O Dr. Knecht mostrou que o genoma humano contém cerca de 750 MB de informação, mas que a informação armazenada em nossas conexões sinápticas é muito maior.

Quanto aos estilos de aprendizagem (visual, auditivo, cinestésico), afirmou que **não há estudos cientificamente válidos** que apoiem essa hipótese. Embora o uso de diferentes mídias possa ter efeitos motivacionais ou placebo, **não há prova empírica** de que adaptar o ensino ao estilo de aprendizagem melhore os resultados.

6. Sobre o funcionamento sináptico em pessoas com deficiência intelectual

O Dr. Knecht explicou que esta é uma área extremamente complexa, influenciada por fatores genéticos e ambientais. Não existe uma explicação única. Mesmo no autismo – uma condição fortemente influenciada geneticamente – cada caso é muito diferente. Empresas farmacêuticas investiram décadas e bilhões na pesquisa de causas genéticas de doenças neurológicas – com resultados limitados. Isso demonstra a complexidade e individualidade do desenvolvimento cerebral atípico. Ele sublinhou a importância de **compreender o perfil neurológico único de cada criança**.

O cérebro desenvolve-se por fases com janelas sensíveis, durante as quais certas competências podem ser aprendidas e consolidadas com mais facilidade.



PALESTRA 2

PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES RECENTES DA PESQUISA CIENTÍFICA JEANNETTE MOREIRA (Universidade de Cabo Verde)

Jeannette Moreira é neuropsicóloga e docente na Universidade de Cabo Verde. Mestre em Neurociências Cognitivas, atua nas áreas de aprendizagem, desenvolvimento e saúde mental, com enfoque em educação inclusiva e avaliação cognitiva. Defende uma abordagem holística e tem promovido projetos e estudos voltados ao bem-estar psicológico e educacional.

A Neuropsicóloga Jeannette Moreira, professora da Universidade de Cabo Verde, apresentou uma palestra centrada nas contribuições mais recentes da pesquisa científica nas áreas de Psicologia da Aprendizagem, Neurociência e Educação, com foco nos últimos cinco anos. O seu objetivo foi trazer evidências atuais que possam ser traduzidas em práticas pedagógicas concretas e adequadas ao contexto cabo-verdiano.

A
metacognição
– ou seja, pensar sobre
o próprio pensamento
– é essencial para gerir
conscientemente a
aprendizagem e assumir
responsabilidade pelo
processo.

Ela estruturou a apresentação em quatro grandes eixos temáticos:

Metacognição

Trata-se da capacidade de pensar sobre o próprio pensamento. A palestrante explicou que a metacognição é uma competência essencial para que o estudante desenvolva a aprendizagem autorregulada, ou seja, a capacidade de planejar, monitorar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem.

Ela apresentou um estudo experimental que demonstrou que intervenções metacognitivas em crianças geram melhorias significativas na autorregulação e nas funções executivas.

Emoções académicas

As emoções académicas - ou seja, aquelas que são geradas no ambiente escolar, e não as que o aluno traz de casa - influenciam diretamente a aprendizagem. Emoções positivas aumentam a motivação, a atenção e a retenção de informações. Já emoções negativas ou ambientes emocionalmente inseguros inibem a aprendizagem. A palestrante destacou a importância da inteligência emocional tanto nos alunos quanto nos professores, como forma de criar um ambiente de

aprendizagem mais saudável e eficaz. Ela sublinhou ainda a ligação entre essas emoções e o desempenho académico.

Estratégias cognitivas e metodologias ativas

Ela abordou estratégias como o espaçamento (distribuir o estudo ao longo do tempo) e a recuperação ativa (lembrar conscientemente de conteúdos já aprendidos), ambas cientificamente comprovadas como eficazes para consolidar a memória e evitar a aprendizagem puramente repetitiva. A palestrante reforçou também a importância das metodologias de ensino ativas, que colocam os alunos no centro do processo e os envolvem ativamente na construção do conhecimento, em vez de mantê-los como receptores passivos.

Neurociência aplicada à educação

Embora não tenha sido um foco isolado, conceitos de neurociência foram integrados ao longo da palestra. Ela destacou o papel das funções executivas, do amadurecimento cerebral e da importância de práticas pedagógicas que respeitem os ritmos do desenvolvimento neuropsicológico das crianças e adolescentes.

No encerramento, Janete Moreira reforçou que é fundamental construir uma ponte real entre ciência e prática pedagógica, o que requer uma formação docente contínua, crítica e conectada com a pesquisa científica atual. Ela concluiu apelando à necessidade de políticas educacionais que apoiem essas transformações e

incentivem a colaboração entre universidades, escolas e projetos como o da Delta Cultura.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A PALESTRA 2

1. Relação entre metacognição, inteligência emocional e tempo de desenvolvimento

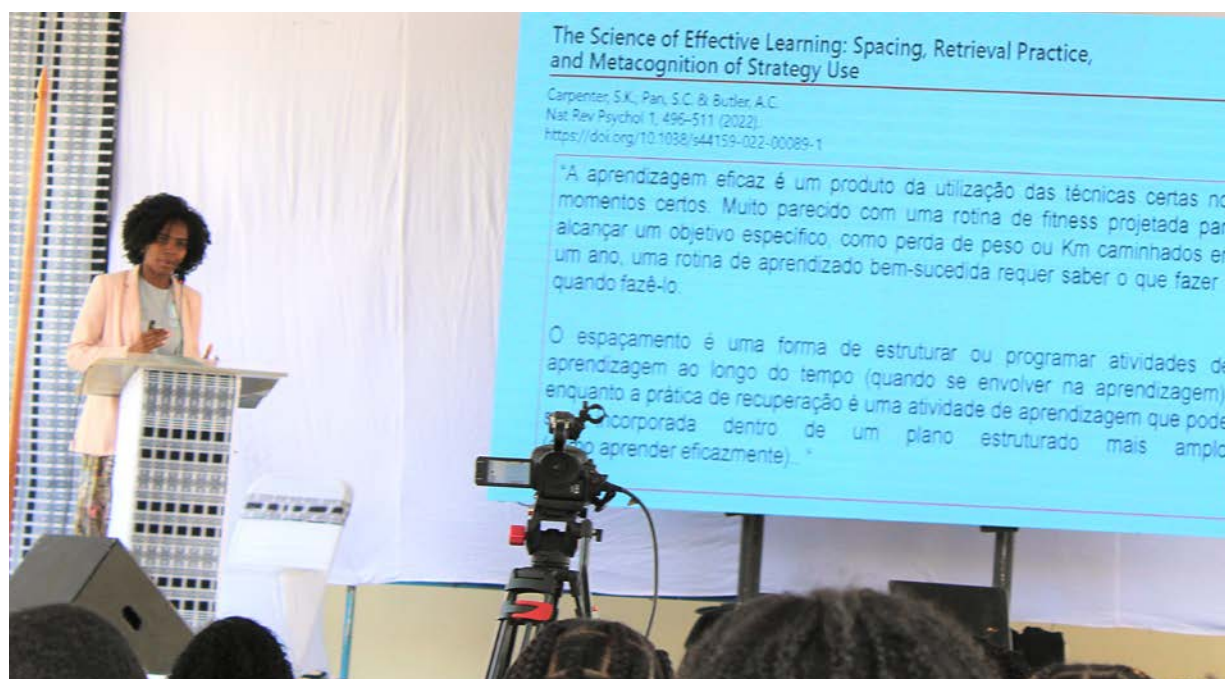
A professora explicou que não existe um tempo exato ou obrigatório para desenvolver a metacognição. Ela pode ser trabalhada desde a infância e tem impacto direto na aprendizagem e na inteligência emocional.

Quanto mais cedo for estimulada, melhor será o desenvolvimento da autonomia e do pensamento reflexivo nas crianças. Ela enfatizou que é necessário criar espaços educativos que favoreçam esse tipo de consciência desde cedo.

2. Barreiras culturais à metacognição e importância das competências socioemocionais na formação docente

A pergunta abordou o fato de que, em Cabo Verde, muitas crianças não estão habituadas a expressar seus pensamentos ou emoções, nem em casa nem na escola. Jeannette Moreira respondeu que o papel dos professores é central nesse processo, pois o “contágio emocional” entre educadores e alunos pode abrir ou fechar caminhos de expressão. Defendeu a inclusão explícita da inteligência emocional na formação docente e elogiou iniciativas locais, como o programa da Delta Cultura, que já trabalha com competências socioemocionais.

A investigação psicológica destaca que as emoções, as relações e as metodologias participativas promovem uma aprendizagem mais eficaz.





PALESTRA 3

PENSAMENTO TRANSCENDENTE E DESENVOLVIMENTO CEREBRAL EM ADOLESCENTES

DR. MARY HELEN IMMORDINO-YANG (Universidade do Sul da Califórnia)



Mary Helen Immordino-Yang é professora de educação, psicologia e neurociência na Universidade do Sul da Califórnia e diretora fundadora do USC Center for Affective Neuroscience, Development, Learning and Education.

Sua pesquisa explora como emoções e processos sociais influenciam o aprendizado profundo e o desenvolvimento adolescente.

A Dra. Mary Helen Immordino-Yang, professora de educação, psicologia e neurociência na University of Southern California, fez uma palestra principal por vídeo ao vivo de Los Angeles sobre a relação entre o pensamento transcendente e o desenvolvimento cerebral na adolescência. Compartilhou

resultados de mais de 15 anos de pesquisa com neuroimagem funcional e métodos narrativos.

Sua tese central é que o **pensamento profundo, reflexivo e emocionalmente significativo** – que ela chama de “pensamento transcendente” – molda ativamente a arquitetura do cérebro durante a adolescência, especialmente nas áreas ligadas à identidade, valores e motivação. Adolescentes que se envolvem com ideias sociais e morais complexas – como injustiça, empatia ou propósito – demonstram maior integração entre redes cerebrais de grande escala, como a **Default Mode Network** e a **Salience Network**. Esses sistemas sustentam a metacognição, profundidade emocional e autorregulação.

A Dra. Immordino-Yang destacou que aprender não é apenas adquirir informação, mas **transformar o entendimento de si mesmo e do mundo**. A educação significativa exige criar ambientes que permitam aos alunos explorar ideias poderosas, sentir admiração e refletir profundamente sobre seu lugar na sociedade.

Ela também explicou suas metodologias, que frequentemente envolvem registrar e analisar as reações emocionais e cognitivas dos alunos a histórias reais de resiliência humana, dilemas

O pensamento transcendente – refletir sobre valores, sentido e questões sociais – promove uma aprendizagem profunda e o desenvolvimento pessoal.

éticos e questões globais. Esses estudos mostram que o raciocínio emocionalmente envolvido ativa **caminhos de aprendizagem mais profundos**, especialmente quando os alunos sentem uma conexão pessoal com o conteúdo.

Por fim, pediu aos educadores que se afastem de formas superficiais de engajamento baseadas em notas ou recompensas e promovam **humildade intelectual, curiosidade e ressonância emocional** – especialmente durante a adolescência, quando o cérebro é altamente plástico e a identidade está sendo formada.

A
ressonância
emocional não é um
complemento, mas sim um
elemento central no pro-
cesso de aprendizagem
do cérebro.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A PALESTRA 3

Sobre pensamento transcendente e desenvolvimento cerebral de longo prazo

A Dra. Immordino-Yang explicou que o pensamento transcendente – a capacidade de refletir sobre o significado, propósito e o próprio papel no mundo – contribui para o desenvolvimento a longo prazo de redes cerebrais de ordem superior. Fortalece caminhos associados à identidade, regulação emocional e aprendizagem profunda. Embora os resultados individuais não possam ser previstos com precisão, o envolvimento contínuo nesse tipo de reflexão promove um funcionamento mental mais integrado e resiliente ao longo do tempo.

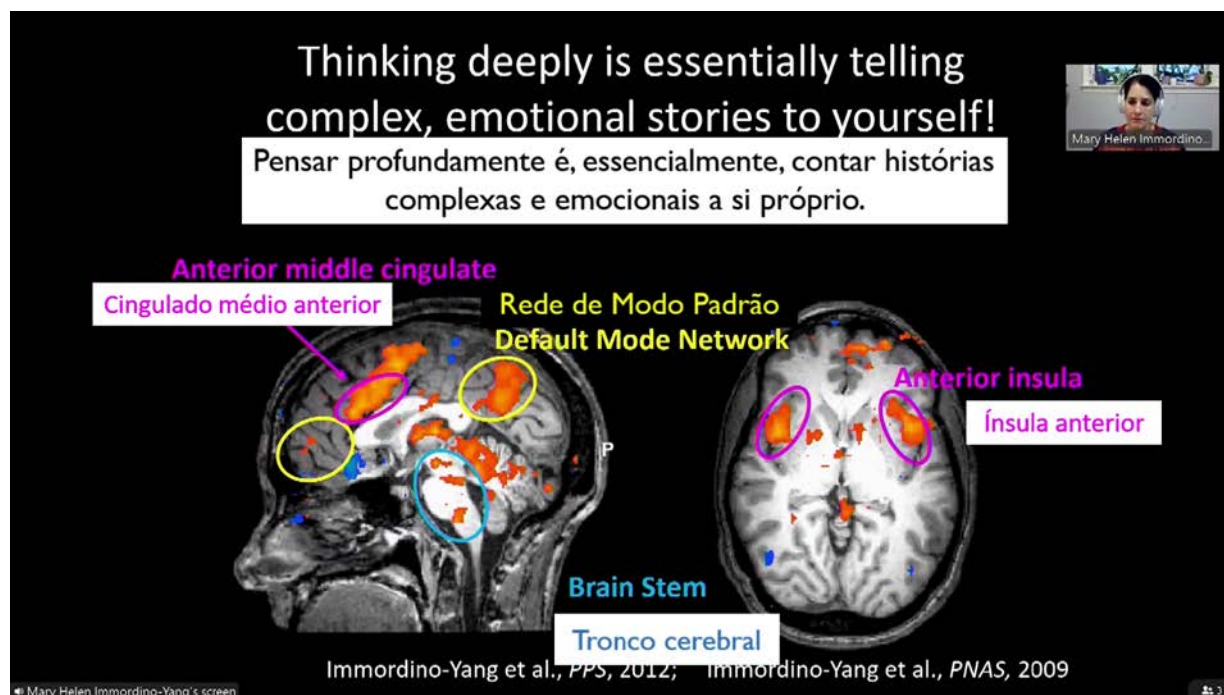
Sobre metodologia: usar histórias reais para evocar reflexão

Ela descreveu como sua equipe de pesquisa apresenta aos jovens histórias reais e emocionalmente ricas (por exemplo, uma criança superando adversidades) e depois os entrevista sobre suas reações. As entrevistas são analisadas em busca de sinais de raciocínio abstrato, empatia e compreensão moral, e são combinadas com dados de neuroimagem. O objetivo não é testar respostas corretas, mas avaliar a profundidade e autenticidade do envolvimento emocional e cognitivo dos estudantes.

Sobre como aplicar isso nas escolas

A Dra. Immordino-Yang enfatizou que as escolas devem **oferecer espaço para que os alunos se envolvam com ideias complexas**, façam perguntas difíceis e explorem dilemas éticos ou pessoais – e não apenas memorizem fatos. Incentivou os educadores a criar ambientes de aprendizagem em que alunos e professores mudem seu investimento emocional **dos resultados (notas) para ideias significativas**. Isso pode incluir:

- Aprendizagem baseada em projetos
- Tempo para discussões abertas
- Diários de reflexão
- Oportunidades para ligar a aprendizagem à identidade pessoal e social





PALESTRA 4

AMBIENTES DE APRENDIZAGEM EM CABO VERDE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DO MODELO CLIA

DR. LUÍS RODRIGUES (Universidade de Santiago, Cabo Verde)

Luís Filipe Martins Rodrigues é professor na Universidade de Santiago, onde chefia o Departamento de Ciências da Educação e coordena o Mestrado em Português Língua Segunda. Doutorando em Didática de Línguas, atua também como Diretor de Internacionalização e participa em projetos internacionais de capacitação promovidos pela União Europeia.

O professor Luís Rodrigues (Universidade de Santiago) apresentou uma análise crítica dos currículos de Cabo Verde (do 1º ao 8º ano) à luz do modelo CLIA (Contexto, Linguagem, Interação, Autonomia). O seu objetivo foi identificar sinais concretos de práticas pedagógicas centradas na aprendizagem ativa, autorregulada, colaborativa e significativa.

A análise abrangeu as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, com foco em palavras-chave como: autorregulação, resolução de problemas, metacognição, aprendizagem ativa, avaliação diagnóstica, autoavaliação.

O modelo CLIA
oferece uma estrutura
prática para melhorar a
qualidade escolar através da
liderança, planeamento e
reflexão.

Os principais resultados revelam que:

- A Matemática é a disciplina com mais referências à resolução de problemas, mas conceitos como metacognição ou crenças positivas praticamente não aparecem em nenhum currículo.
- A presença de conceitos modernos como autoavaliação ou aprendizagem significativa é ínfima.
- Os currículos deixam muita margem à interpretação do professor, o que pode gerar incoerências pedagógicas.

Luís Rodrigues defendeu que o progresso deve ser mais valorizado do que o resultado final e que a formação contínua de professores é essencial para criar ambientes de aprendizagem modernos. Ele partilhou experiências com docentes de mestrado que, após 20 anos de prática, estão a aplicar novas abordagens, como o trabalho de grupo ou a autoavaliação, com resultados surpreendentes.

Concluiu com recomendações claras:

- Tornar a intervenção pedagógica mais explícita nos currículos.
- Formar professores em ambientes de aprendizagem e neurociência.
- Promover estratégias de diferenciação e autorregulação.
- Desenvolver políticas públicas que orientem práticas inclusivas e atualizadas.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A PALESTRA 4

1. Sobre crenças negativas e trabalho de grupo

O professor destacou que crenças negativas — como o medo de falar português em público — devem ser enfrentadas com práticas pedagógicas intencionais e não com simples discurso motivacional. Sobre o trabalho de grupo, defendeu que ele deve ser ensinado como competência e integrado em todas as disciplinas. Relatou ainda o caso do seu filho, que só experimentou trabalho colaborativo no 5º ano, o que considerou preocupante.

2. Sobre o tratamento do erro e os níveis analisados

O professor explicou que analisou apenas o 1º ao 8º ano por serem os níveis mais consolidados. Quanto ao erro, criticou a prática comum de apenas corrigir sem explicar o que foi feito corretamente. Defendeu que valorizar o acerto com feedback claro é tão ou mais importante do que corrigir o erro.

3. Sobre formação contínua de professores e currículo oculto

Foi levantada a questão da falta de investimento em formação contínua. O professor devolveu a reflexão: será que os docentes têm oportunidade real de se formar? E criticou a baixa presença de professores no Fórum como sintoma do problema. Destacou que o currículo precisa ser mais explícito para não deixar tudo nas mãos do professor.

4. Sobre autonomia do aluno e construção dos currículos

Professor Rodrigues sublinhou que muitos estudantes não têm autonomia para decidir como preferem aprender. Isso precisa ser estimulado desde cedo. Quanto à construção dos currículos, disse não ter certeza sobre a participação de alunos e professores, mas sugeriu que esse aspecto precisa ser mais transparente.

5. Sobre o uso do crioulo em sala de aula

Segundo ele, a língua cabo-verdiana deve estar presente na sala de aula, pois é a língua da identidade e das emoções dos alunos. No entanto, é necessário definir com clareza os momentos apropriados para o uso de cada língua, evitando que o crioulo seja usado apenas de forma “ilegal” ou emocional.

6. Sobre o alegado desinteresse dos alunos

Rodrigues contestou a ideia de desinteresse generalizado. Segundo ele, nunca houve tantos alunos nem tanta permanência no sistema educativo. O que mudou foi o papel do professor: precisa sair do palco e disputar atenção com redes sociais e novas narrativas. A falta de visão sobre o valor da educação para o futuro é o real desafio.

7. Sobre notas altas e fraco desempenho profissional

Ele distinguiu entre ser um bom aluno e ser um bom profissional. Disse que muitos alunos com excelentes médias falham como professores, e vice-versa. Isso mostra que os currículos precisam aproximar-se mais das realidades profissionais e desenvolver competências práticas, não apenas teóricas.

Os professores precisam de mais autonomia, formação contínua e uma infraestrutura de apoio para garantir qualidade pedagógica.





PALESTRA 5

IMPACTOS DA DEPENDÊNCIA DA TECNOLOGIA

DR. CLÁUDIA GONÇALVES (Universidade do Mindelo)

Cláudia Gonçalves é psicóloga clínica, docente na Universidade do Mindelo e doutorada em Neurociências. Atua nas áreas de dependência comportamental, trauma, regulação emocional e neuroplasticidade, combinando investigação científica com prática clínica e formação.

A psicóloga Cláudia Gonçalves abordou de forma abrangente os impactos da dependência tecnológica, especialmente nos jovens, com base em estudos internacionais, dados sobre Cabo Verde e sua própria experiência profissional. Ela destacou que a dependência digital é um problema transversal a todas as idades e classes sociais, afetando tanto países ricos quanto em desenvolvimento.

A palestra começou com disclaimers importantes: criticar os riscos da tecnologia não significa ser tecnofóbico. O problema não está na tecnologia em si, mas em como ela é usada. Gonçalves chamou atenção para a atuação da indústria digital, especialmente de jogos, que opera com lobbies poderosos e estratégias intencionais para gerar dependência – como recompensas imediatas, dopamina elevada e gamificação.

Os meios digitais devem ser utilizados de forma ativa, criativa e crítica – só assim trazem verdadeiro valor para a aprendizagem.

Apresentou dados alarmantes:

- Crianças de 2 anos passam até 3 horas por dia diante de ecrãs.
- Jovens de 13 a 18 anos chegam a 7 horas diárias.
- O tempo de ecrã acumulado equivale, nos primeiros 18 anos, a 30 anos escolares ou 15 anos de trabalho.

A exposição prolongada impacta a estrutura cerebral, reduz o foco, afeta o sono, empobrece as interações humanas e prejudica a saúde física e mental (visão, postura, ansiedade, depressão).

Ela ressaltou que mesmas vias cerebrais afetadas por drogas estão envolvidas na dependência digital.

Na educação, o impacto é devastador:

- Queda nas capacidades de leitura, memória e concentração.
- Substituição da leitura profunda por consumo superficial de conteúdos.
- Simplificação dos currículos e aumento do uso de audiobooks e vídeos no lugar de textos escritos.

Defendeu medidas como:

- Zero ecrãs até os 6 anos.
- Limites diários controlados.

- Televisão fora dos quartos.
- Incentivo à leitura, ao brincar livre, à arte e à música.

Concluiu com a frase:

“Ainda que a internet seja uma ponte para o mundo, é fundamental não confundir relação com estar em contato.”

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A PALESTRA 5

1. Inteligência Artificial: riscos e oportunidades

Professora Gonçalves reconheceu o potencial da IA como ferramenta, mas alertou para o uso passivo e perigoso, como a produção de trabalhos com ChatGPT sem reflexão própria. Ressaltou a importância de manter o esforço cognitivo e de ensinar o uso crítico dessas ferramentas. A IA não substituirá a inteligência humana, mas exige responsabilidade e regulação.

2. Impactos positivos e negativos da internet no comportamento infantil

Relatou que algumas aplicações podem ter efeitos positivos (como jogos que ensinam tarefas domésticas ou

As escolas devem integrar os meios digitais de forma intencional, refletida e acompanhada pedagogicamente.

gestão de recursos). No entanto, alertou que o controle parental e a intenção pedagógica são essenciais. A internet pode tanto formar quanto deformar – é preciso vigilância ativa dos pais.

3. Detox digital em casa

Apontou que o detox deve começar com diálogo e exemplo dos pais. Indicou estratégias como jogos de tabuleiro (ex.: Missão 2050), proibição de telemóveis no quarto, regras claras e consistentes, e rituais offline. Também enfatizou que os pais não devem exigir dos filhos comportamentos que eles próprios não praticam.

4. Pais que dão telemóvel para "descansar" dos filhos

Professora Gonçalves reconheceu que muitas famílias com poucos recursos recorrem ao ecrã como válvula de escape. Porém, alertou:

“É o mais fácil na hora, mas a fatura vem depois.”

Defendeu que é preciso consciencialização coletiva sobre os riscos e alternativas práticas.





PALESTRA 6

AVALIAÇÃO PARA AS APRENDIZAGENS

DR. ARLINDO MENDES VIEIRA (Universidade de Cabo Verde)

Arlindo Mendes Vieira é Doutor em Ciências da Educação e docente na Universidade de Cabo Verde, onde atua como Vice-Presidente da Faculdade de Educação e Desporto e Diretor do Centro de Educação e Desporto. Especialista em avaliação educacional e desenvolvimento curricular, coordena programas de pós-graduação e participa em redes internacionais de pesquisa em inclusão e inovação.

O professor e investigador da Universidade de Cabo Verde, Dr. Arlindo Mendes Vieira, apresentou uma reflexão crítica sobre as práticas avaliativas no sistema educativo cabo-verdiano, com foco no conceito de “avaliação para as aprendizagens”. Desde o início, ele sublinhou que a avaliação deve deixar de ser entendida como mera verificação de resultados e passar a ser vista como uma ferramenta pedagógica fundamental para promover aprendizagens reais e significativas.

Formas alternativas de avaliação fortalecem a motivação, a autorreflexão e o sucesso na aprendizagem.

Distinção entre avaliar e classificar

O orador distinguiu claramente entre:

- Avaliação para classificar (ainda dominante nas escolas): centrada em testes padronizados e notas finais.
- Avaliação para aprender: um processo contínuo que permite acompanhar o progresso dos alunos e ajustar o ensino às suas necessidades.

Segundo ele, o ato de avaliar deve estar integrado ao processo de ensino, e não separado como um momento à parte. A avaliação deve ajudar o professor a entender o que os alunos sabem, o que ainda precisam aprender e como podem avançar.

Princípios da avaliação formativa

Dr. Arlindo destacou os pilares da avaliação formativa eficaz:

- Observação contínua e sistemática da aprendizagem dos alunos;
- Diversidade de instrumentos (portfólios, trabalhos de grupo, projetos, autoavaliações, entre outros);
- Feedback construtivo e personalizado;
- Registro de evidências reais do progresso dos alunos;
- Valorização do erro como parte natural do processo de aprendizagem.

Referência ao contexto legislativo de Cabo Verde

O orador referiu-se à legislação cabo-verdiana mais recente, que recomenda práticas avaliativas formativas e inclusivas. No entanto, apontou uma grande distância entre o que está na lei e o que acontece nas escolas, por falta de formação docente, tradição escolar baseada em exames, e cultura de resultados imediatos.

DESAFIOS E PROPOSTAS

- **Formação contínua dos professores:** ele insistiu que sem investimento sério na capacitação dos docentes, a mudança legislativa será apenas simbólica.
- **Mudança de mentalidade:** é necessário superar a ideia de que avaliação é sinónimo de nota.
- **Contextualização da avaliação:** considerar a realidade social e linguística dos alunos (como o uso do crioulo e o capital cultural das famílias).
- **Justiça e equidade:** aplicar os mesmos testes a todos pode ser injusto; a equidade exige adaptar a avaliação às necessidades e trajetórias individuais.

Concluiu afirmando que avaliar é um ato pedagógico, político e cultural, e que a avaliação deve estar ao serviço do desenvolvimento integral do aluno e da construção de uma sociedade mais justa e consciente.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE A PALESTRA 6

1. Como aplicar a avaliação formativa no contexto escolar atual?

Vários participantes apontaram a dificuldade de aplicar métodos de avaliação contínua em turmas grandes, com currículos densos e carga horária apertada. Dr. Arlindo reconheceu os desafios, mas insistiu que mesmo pequenas mudanças, como incluir momentos de autoavaliação ou permitir correções com feedback, já representam passos significativos.

Destacou também a necessidade de tempo institucional para que o professor possa observar, refletir e documentar o progresso dos alunos.

2. A legislação está distante da prática escolar?

Houve críticas sobre a desconexão entre os documentos oficiais e a realidade vivida nas escolas. Um professor afirmou que a legislação “fala bonito”, mas ninguém forma os professores para aplicá-la.

Dr. Arlindo concordou: a mudança normativa é importante, mas não basta publicar decretos. É preciso apoiar a prática pedagógica com formação, diálogo, recursos e acompanhamento. Também sugeriu maior envolvimento das universidades na implementação das políticas públicas.

3. O papel dos testes somativos

Alguns participantes defenderam os testes como instrumentos objetivos e úteis para medir conhecimento. Dr. Arlindo respondeu que os testes não devem ser abolidos, mas sim integrados a um processo mais amplo de avaliação. A questão central, segundo ele, é o peso exagerado que se dá aos testes e a forma como são usados para rotular alunos, em vez de ajudá-los a crescer.

4. Avaliação justa para realidades diferentes

Foi debatida a justiça de aplicar os mesmos critérios para todos, em contextos socioeconômicos e linguísticos diversos. Dr. Arlindo reforçou que igualdade não é aplicar as mesmas provas para todos, mas garantir que cada aluno tenha oportunidades reais de demonstrar o que aprendeu.

Defendeu a adaptação dos instrumentos e a inclusão do crioulo como mediador quando necessário.

5. Avaliação e motivação

Estudantes relataram que, muitas vezes, perdem a motivação por não entenderem a lógica dos testes. Um deles afirmou: “Decoro para o teste, mas depois esqueço tudo.”

Dr. Arlindo considerou esse depoimento emblemático e afirmou que a avaliação deve dar sentido à aprendizagem, não esvaziá-la. Propôs que os alunos sejam envolvidos no processo avaliativo e que se promova uma cultura de reflexão e co-construção dos critérios de sucesso.

6. A voz do professor e sua autonomia

Um participante perguntou se o professor ainda tem autonomia diante de tantas exigências legais e burocráticas. O orador defendeu que sim, mas que essa autonomia precisa ser qualificada. A legislação deve oferecer diretrizes claras, mas deixar espaço para que o professor faça escolhas pedagógicas conscientes e contextualizadas.

7. Caminhos para o futuro

A sessão terminou com um apelo à construção de uma cultura avaliativa baseada na confiança, na escuta e na corresponsabilidade. Dr. Arlindo encerrou com a ideia de que a avaliação é uma ferramenta de transformação social – e que mudar a forma como avaliamos é uma condição para mudar a forma como ensinamos e aprendemos.

Avaliação formativa significa acompanhar, observar e apoiar – em vez de comparar, punir e selecionar.



PAINEL DE DEBATE: EDUCAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E REALIDADE

O painel moderado por Elisabete Cosmo reuniu especialistas de diversos setores educacionais para refletir sobre os caminhos que permitem aproximar o conhecimento acadêmico da prática real nas escolas e comunidades. Participaram:

- Miliana Soares Moreno (Educadora na Delta Cultura),
- Prof. Arlindo Tavares Semedo (UNICV),
- Dra. Teresa Ramos Correia (Vereadora da educação – Tarrafal),
- Dra. Joanita Rodrigues (Reitora da Universidade Jean Piaget),
- Lenilda Duarte (Coordenadora do ensino digital – Universidade de Santiago),
- Prof. Adelino Gomes da Silva (Professor de matemática).

Educação não formal e inteligência emocional

Miliana trouxe o olhar da prática não formal da Delta Cultura. Ela relatou sua trajetória de ex-participante a educadora e destacou como o trabalho cotidiano envolve acolher as crianças em sua dimensão emocional, algo muitas vezes ignorado no sistema formal. Ela criticou a rigidez da escola tradicional, defendendo uma educação mais aberta ao diálogo, ao erro e à realidade dos jovens, que muitas vezes se expressam fora dos padrões escolares convencionais.

A avaliação como prática pedagógica e social

O professor Arlindo Semedo abordou a avaliação como um processo que deve estar centrado na aprendizagem e não apenas em resultados. Para ele, o foco excessivo em conteúdos e provas desvirtua o papel da escola. Citando Paulo Freire, defendeu a importância do saber conceitual, do saber fazer e do saber ser. Avaliar, segundo ele, é preparar indivíduos que saibam aprender ao longo da vida, e não apenas acumular conhecimento.

A importância da família e da educação informal

A vereadora Teresa Ramos enfatizou que a base da educação está em casa. A primeira escola é a família. Segundo ela, qualquer reflexão educacional que exclui o papel dos pais está incompleta. Criticou a tendência de pensar a educação apenas entre professores e alunos e defendeu o reconhecimento do saber que os alunos trazem de casa. A interação entre escola e família foi apontada como essencial para uma transformação real.

Teoria e prática no ensino superior

A reitora Joanita Rodrigues compartilhou sua experiência de quase quatro décadas na educação. Para ela, a missão da universidade não é apenas “encher cabeças”, mas formar profissionais críticos e éticos. Criticou a dependência



dos testes como forma principal de avaliação e defendeu métodos que realmente permitam verificar competências. Destacou também que a pesquisa científica precisa ter aplicabilidade concreta e chegar às comunidades.

Educação digital como ferramenta de inclusão

Lenilda Duarte falou sobre os avanços da Universidade de Santiago no ensino digital e sua capacidade de democratizar o acesso ao ensino superior. Afirmou que o ensino à distância é uma poderosa ferramenta para reduzir desigualdades regionais e permitir que pessoas com rotinas complexas também possam estudar. Reforçou que a formação tecnológica deve incluir não apenas os alunos e professores, mas também as famílias.

Desmistificando a matemática

O professor Adelino Gomes relatou sua trajetória pessoal e profissional para demonstrar que a matemática é viável para todos, desde que seja ensinada com sensibilidade



e conexão com a vida real. Ele desafiou a ideia de que a matemática é "difícil por natureza" e defendeu que ela está presente nas ações cotidianas — da combinação de roupas à organização doméstica. Para ele, é essencial combater crenças limitantes e tornar o ensino da matemática mais acessível, criativo e humano.

Reflexões sobre avaliação no século XXI

No encerramento, diversas falas convergiram para um ponto comum: a avaliação precisa deixar de ser uma mera reprodução de conteúdos. Professores e gestores relataram a necessidade de repensar profundamente o sistema avaliativo, explorando formas mais justas, críticas e aplicáveis. Foram citadas experiências com testes de consulta, projetos práticos e até parcerias com instituições para resolução de problemas reais. A inteligência artificial foi discutida como ferramenta útil tanto para apoiar o ensino quanto para detectar plágio.





WORLD CAFÉ

No terceiro dia do Fórum de Educação, realizou-se um World Café com dez mesas temáticas moderadas. Cada mesa abordou uma questão central sobre o futuro da educação em Cabo Verde — desde ambientes de aprendizagem e formação docente até ao desenvolvimento infantil precoce. Os participantes puderam escolher livremente as mesas de acordo com os seus interesses e envolver-se em várias rondas de debate. Cada sessão foi resumida pelos respetivos moderadores de mesa. As dez perguntas orientadoras foram:

- 1. Como podemos integrar os conhecimentos da neurociência nas nossas práticas educativas?**
- 2. Os professores nas escolas conseguem mesmo criar uma relação próxima com os alunos?**
- 3. Como podemos estimular a curiosidade, a imaginação e a reflexão nas primeiras idades?**
- 4. Como podemos melhorar a educação com o apoio da Psicologia da Aprendizagem?**
- 5. Como podem os ambientes de aprendizagem ser mais inspiradores e eficazes em Cabo Verde?**
- 6. Será que proibir é suficiente – ou o que mais precisamos fazer para lidar com a dependência digital nas escolas?**
- 7. Como podemos formar educadores que inspirem mudança e respondam aos desafios do século XXI?**
- 8. Como podemos ensinar matemática de forma significativa num sistema que exige testes constantes?**
- 9. Como podemos transformar a avaliação numa ferramenta que realmente apoia a aprendizagem dos alunos?**
- 10. Como podemos construir um sistema educativo que valorize o bem-estar, a criatividade e o pensamento crítico de todos os alunos?**

A seguir, apresentam-se os principais contributos e ideias, organizados pela ordem das dez mesas:



MESA 1 INTEGRAÇÃO DA NEUROCIÊNCIA NA EDUCAÇÃO (WOLFGANG KNECHT)

O foco desta mesa foi a aplicação prática dos conhecimentos da neurociência no contexto escolar. A discussão destacou a importância das experiências precoces — especialmente o movimento, a estimulação linguística e a interação social — para o desenvolvimento cerebral das crianças. Os professores devem criar intencionalmente condições que promovam esses estímulos no quotidiano escolar. Foram debatidas estratégias de aprendizagem lúdicas e baseadas no movimento, o uso da música e o potencial dos jogos digitais para promover a atenção e a resposta cognitiva.

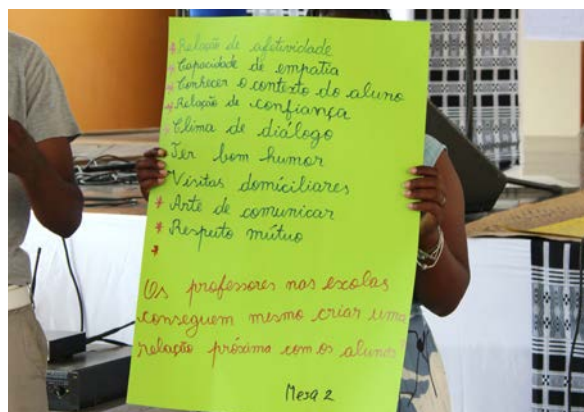
- Introdução de pausas motoras e atividades físicas no dia a dia escolar
- Criação de espaços de música para expressão não verbal
- Utilização de jogos digitais como ferramenta para treinar a concentração
- Construção de relações emocionalmente seguras como base da aprendizagem
- Estimulação na primeira infância como alicerce do sucesso académico



MESA 2 RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS (MILIÂNIA SOARES MORENO)

Nesta mesa discutiu-se como os professores podem estabelecer relações significativas com os seus alunos. Os participantes sublinharam que a confiança é construída através da empatia, do respeito mútuo e da comunicação aberta. Muitos alunos sofrem com métodos autoritários que não permitem erros nem crescimento pessoal. Enfatizou-se a importância do papel do professor como orientador e apoio emocional, não apenas como transmissor de conteúdos. Foram destacados exemplos da educação não formal praticada pela Delta Cultura.

- Estabelecimento de relações através de visitas domiciliárias e contacto com as famílias
- Promoção de um clima escolar positivo baseado no diálogo e respeito
- Rejeição de castigos físicos e psicológicos
- Professores como modelos e apoiantes emocionais





MESA 3 ESTIMULAR CURIOSIDADE E IMAGINAÇÃO NA INFÂNCIA (MARGARIDA VICENTE)

Esta mesa concentrou-se em como os adultos — especialmente nos primeiros anos de vida — podem fomentar a curiosidade, a imaginação e a reflexão nas crianças. Foram debatidas práticas de interação respeitosa, o reconhecimento e acolhimento das emoções e a importância da empatia, calma e presença. Os participantes sublinharam o valor de ouvir com atenção, observar e evitar intervenções prematuras.

- Levar as crianças a sério e acompanhá-las com cuidado
- Estar atento aos sinais não verbais e permitir a autoexpressão
- Estimular em vez de controlar: motivar, elogiar e confiar
- Segurança emocional como base do desenvolvimento cognitivo
- Importância da leitura, do movimento e do jogo simbólico



MESA 4 PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM (JEANNETTE MOREIRA)

O papel das emoções na aprendizagem foi o centro desta mesa. Todos concordaram que aprender é um processo indissociável do estado emocional do aluno. Foram destacados como fundamentais a motivação, o reconhecimento e a criação de vínculos. Discutiu-se a necessidade de métodos criativos para envolver os alunos. A figura do professor como ponto de apoio emocional foi amplamente valorizada.

- Atividades de quebra-gelo e transições criativas que promovem segurança
- Cantinho do Nós" (um espaço para nós): espaço de reflexão coletiva
- A aprendizagem torna-se eficaz quando ativa emoções positivas
- Uso de repetição, humor e movimento como estratégias didáticas





MESA 5 AMBIENTES DE APRENDIZAGEM INSPIRADORES (LUÍS RODRIGUES)

O que torna um espaço de aprendizagem inspirador? A discussão focou-se na relação entre espaço físico, atitude pedagógica e organização dos conteúdos. Os alunos expressaram o desejo de participar mais e viver experiências significativas. Os participantes defenderam que o ambiente deve ser mais do que acessível: deve convidar à aprendizagem.

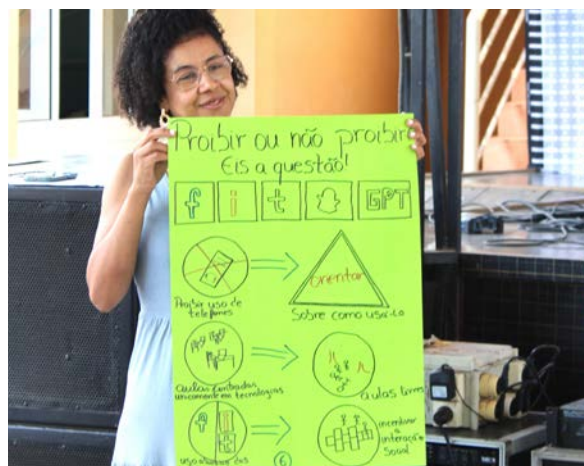
- Conceber espaços que incentivem a criatividade e a colaboração
- Garantir liberdade de movimento e mobiliário flexível
- Envolver os alunos na organização do espaço e das rotinas
- Criar zonas de descanso e refúgio dentro da escola
- Promover a autonomia e a diferenciação pedagógica



MESA 6 DEPENDÊNCIA DIGITAL E AUTORREGULAÇÃO (CLÁUDIA GONÇALVES)

A mesa abordou o aumento do tempo de ecrã entre crianças e jovens. Chegou-se ao consenso de que proibir, por si só, não resolve. É necessário apoio pedagógico, bons exemplos e alternativas de lazer. Destacou-se a importância de ensinar a autorregulação digital e, ao mesmo tempo, valorizar o movimento, o jogo e a interação social.

- Promover hábitos digitais conscientes entre alunos e famílias
- Criar regras claras e limites saudáveis, evitando proibições extremas
- Incentivar jogos tradicionais e atividades físicas
- Educação emocional como base da autorregulação
- Professores e pais como modelos no uso da tecnologia





MESA 7 **FORMAÇÃO DE EDUCADORES (ALEIDA FURTADO)**

Que tipo de formação precisam os professores do século XXI? A mesa concluiu que o domínio dos conteúdos não é suficiente. É essencial desenvolver inteligência emocional, criatividade didática e experiência prática. A educação ambiental, a responsabilidade social e a flexibilidade em contextos diversos também foram consideradas fundamentais.

- Reforçar os estágios práticos nas escolas durante a formação
- Desenvolver empatia, comunicação e competências relacionais
- Integrar a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável nos currículos
- Estimular a autorreflexão e a consciência de si
- Apostar em metodologias criativas e centradas no aluno



MESA 8 **ENSINAR MATEMÁTICA COM SIGNIFICADO (ADELINO GOMES)**

A mesa refletiu sobre como tornar o ensino da matemática mais relevante, motivador e prático. Muitos alunos perdem o interesse no ensino secundário devido ao excesso de abstração. Foram propostas atividades com jogos, situações reais e projetos comunitários. Também se destacou o envolvimento das famílias e o desenvolvimento do raciocínio lógico.

- Utilização de jogos, contextos reais e materiais concretos
- Realização de projetos práticos como cálculos em feiras ou mercados
- Promoção do pensamento matemático em vez da memorização mecânica
- Criação de formatos de apoio específicos para alunos com dificuldades
- Construção de uma relação positiva com a matemática desde a infância





MESA 9 AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM (ARLINDO MENDES VIEIRA)

A avaliação foi aqui entendida como parte integrante da aprendizagem – e não apenas como atribuição de notas. Defendeu-se a necessidade de avaliações formativas, justas e diversificadas, que apoiem os alunos em vez de os rotular. Foram discutidas alternativas como feedback entre pares, autoavaliação e devolutivas dialogadas.

- Valorização da avaliação formativa e contínua
- Utilização de critérios claros e comunicação transparente
- Feedback personalizado, atempado e construtivo
- Envolvimento dos alunos na avaliação de si e dos outros



MESA 10 BEM-ESTAR, CRIATIVIDADE E PENSAMENTO CRÍTICO (GILSON BORGES)

Esta mesa propôs uma visão holística da educação centrada no bem-estar, na criatividade e no pensamento crítico. Concluiu-se que estes objetivos só são possíveis se as escolas forem ambientes seguros, inspiradores e flexíveis – tanto do ponto de vista físico como emocional. Discutiu-se também a importância do bem-estar dos professores e da colaboração com as famílias.

- Fomentar o contacto com a natureza e a segurança emocional na escola
- Melhorar a alimentação, higiene e infraestrutura escolar
- Criar espaços de escuta e apoio à saúde mental
- Incentivar as artes, o teatro e o trabalho em grupo para desenvolver a criatividade
- Promover a responsabilidade partilhada entre escola, família e sociedade



Estas contribuições refletem um elevado grau de reflexão e compromisso, oferecendo impulsos concretos para um futuro educativo mais holístico, justo e humano em Cabo Verde.



SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO FÓRUM DE EDUCAÇÃO

O encerramento formal do Fórum de Educação foi marcado por um momento especial com dois elementos interligados: em primeiro lugar, quatro estudantes das universidades parceiras partilharam as suas reflexões pessoais sobre os três dias intensos do evento. Em seguida, quatro convidados – Florian Wegenstein, Aleida Furtado, Luís Rodrigues e o Diretor Nacional da Educação – dirigiram as palavras finais aos participantes.

As intervenções dos estudantes foram emocionantes e autênticas, revelando os seus aprendizados, emoções e inspirações. Mostraram como os conteúdos do fórum ressoaram profundamente e como a educação pode despertar uma forte motivação quando se dirige não apenas à mente, mas também ao coração.



CONCLUSÕES FINAIS – ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

No encerramento do Fórum de Educação Tarrafal – Ponte entre Ciência e Prática, quatro estudantes das universidades parceiras partilharam suas reflexões finais.



Jaceline Varela

Jaceline abriu sua intervenção agradecendo pela oportunidade de participar do fórum e destacou o quanto as palestras e reflexões foram relevantes para sua futura carreira como professora de Língua Portuguesa. Para ela, o fórum não serviu apenas para adquirir novos conhecimentos, mas para repensar profundamente a noção de educação em Cabo Verde.

Ela criticou a visão limitada de que construir escolas é suficiente e defendeu uma educação que forme cidadãos conscientes, capazes de pensar criticamente e de fazer escolhas autônomas. Destacou a importância de criar ambientes de aprendizagem felizes, que respeitem as diferenças individuais e incentivem a participação ativa dos alunos.

Jaceline apontou também a necessidade de modernizar os currículos, adaptando-os à realidade atual e às exigências do mundo contemporâneo. Defendeu uma abordagem pedagógica que ensine os alunos a aprender com os próprios erros, refletir sobre seus processos e utilizar as tecnologias com responsabilidade.

Para ela, a avaliação deve ser contínua e formativa, valorizando não só o conteúdo aprendido, mas o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. Encerrou dizendo que o fórum atingiu seu objetivo: mostrar que o sistema atual não é o que queremos e que a mudança começa com a consciência crítica.

Suas palavras sintetizaram impressões pessoais e aprendizagens marcantes vividas ao longo dos três dias. A seguir, apresentamos cada uma dessas intervenções.



José da Luz Fernandes Fortes

José trouxe uma leitura crítica e provocadora sobre os conteúdos debatidos ao longo do fórum. Começou sublinhando a importância da valorização cultural como ponto de partida para qualquer progresso. Lembrou que um povo que não sabe de onde veio, nem para onde vai, acaba sendo levado por qualquer influência.

Falou sobre os efeitos da colonização não apenas como um evento histórico, mas como uma herança mental que ainda condiciona o pensamento cabo-verdiano. Criticou a dependência da educação formal e defendeu a valorização do saber prático, dando como exemplo a necessidade de pedreiros tanto quanto de engenheiros.

José também abordou a temática da tecnologia, alertando para uma compreensão mais ampla do termo e para o uso consciente das ferramentas disponíveis. Falou ainda da importância de adaptar a avaliação à diversidade dos alunos e à equidade: pessoas diferentes precisam ser avaliadas de maneiras diferentes.

Concluiu com uma reflexão sobre a ética e a responsabilidade dos futuros educadores. Para ele, formar cidadãos implica ensinar limites, autonomia e consciência social. Finalizou agradecendo a oportunidade de representar os alunos e expressou o desejo de continuar participando de espaços de transformação.



Suyla Cindira da Veiga Fernandes Cunha

Suyla iniciou sua intervenção agradecendo a Delta Cultura pela confiança em convidar os estudantes para representar as conclusões do fórum. Reconheceu o peso dessa responsabilidade e falou com profundidade sobre o vínculo entre cognição, emoções e contexto social no processo de aprendizagem.

Destacou que o modelo educativo cabo-verdiano atual, baseado em memorização e rigidez metodológica, está desatualizado e desconectado da realidade dos estudantes. Segundo ela, essa desconexão alimenta a chamada "mentalidade imigratória", em que muitos jovens veem na emigração a única saída possível.

Suyla defendeu com firmeza a valorização dos professores e suas condições de trabalho. Como futura psicóloga, reiterou a importância de criar ambientes de aprendizagem significativos, ativos e emocionalmente seguros. Ressaltou que disciplinas como Matemática devem ser instrumentos de pensamento crítico, e não meramente técnicos.

Encerrou afirmando que a educação precisa formar cidadãos preparados para transformar a sociedade, e que essa missão só será possível se dermos valor concreto ao papel dos educadores.



Triana Fernandes Tavares

Triana emocionou o público ao agradecer pela oportunidade de ver, no mesmo espaço, seus professores da infância à universidade. Ressaltou a importância dos professores na vida de cada estudante e defendeu uma valorização real e humana da profissão docente.

A partir de uma reflexão sobre a avaliação, argumentou que os estudantes hoje não são realmente avaliados, mas sim examinados. Explicou a diferença entre avaliação e exame e relatou que, no sistema atual, as notas definem os alunos de maneira injusta. Contou um exemplo pessoal com um professor universitário que a desafiou a ir além da zona de conforto, ajudando-a a descobrir seu verdadeiro potencial.

Triana abordou também a importância da contextualização, da escuta e da criação de ambientes seguros onde os alunos possam expressar-se sem medo de julgamento. Propôs até um método alternativo de debate onde seria proibido discordar de forma agressiva, permitindo a livre expressão de opiniões.

Finalizou com um forte apelo à ação: mudar o sistema, a metodologia e a postura dos próprios estudantes. Afirmou que o futuro pertence a quem luta — não apenas a quem sonha — e que a educação, apesar das dores, é uma ferramenta de transformação e conquista.



PERGUNTA FINAL AOS ESTUDANTES

A pergunta foi feita pelo professor Arlindo Mendes Vieira, da Universidade de Cabo Verde:

“O QUE VOCÊS VÃO DEIXAR PARA TRÁS DEPOIS DESTA FÓRUM, E O QUE VÃO LEVAR OU FORTALECER?”

Suyla

Sua fala ganhou ainda mais força nesse momento. Com emoção e firmeza, respondeu:

“Eu não tinha esperança. Eu espero que entendam o impacto que é não ter esperança para uma jovem sedenta por mudança. Hoje, como eu já disse anteriormente, sinto-me fortalecida, com certeza mais rica e disposta a trabalhar pela mudança.”

José

Leva consigo um senso renovado de responsabilidade e compromisso com a educação, e promete reforçar a solidariedade e o entendimento profundo do papel transformador do professor.

Triana

Reafirmou sua vontade de agir. Já vinha participando de iniciativas ligadas à educação desde o secundário, e sai do fórum ainda mais determinada a impulsionar mudanças reais.

Jaceline

Fortaleceu sua consciência crítica e reafirmou seu compromisso em ser agente de mudança - tanto dentro como fora da sala de aula.

“Eu não tinha esperança. Eu espero que entendam o impacto que é não ter esperança para uma jovem sedenta por mudança. Hoje, como eu já disse anteriormente, sinto-me fortalecida, com certeza mais rica e disposta a trabalhar pela mudança.”

Suyla Cindira da Veiga
Fernandes Cunha

INTERVENÇÕES FINAIS

Após as reflexões dos estudantes, quatro discursos finais ofereceram diferentes perspectivas sobre o fórum e transmitiram mensagens claras para o futuro.

FLORIAN WEGENSTEIN, **Coordenador do Centro de Educação da Delta Cultura** **e Organizador do Fórum de Educação**

Florian agradeceu a todos os participantes e destacou o empenho extraordinário de muitas pessoas – muitas vezes de forma voluntária – na organização e realização do evento. Enfatizou o papel de Marisa, cofundadora da Delta Cultura, que coordenou todo o processo nos bastidores. A sua mensagem centrou-se na motivação intrínseca como força motriz da mudança social e da educação que capacita o indivíduo e torna possível a transformação. Segundo ele, a educação deve abrir-se para que o conhecimento possa realmente ser aplicado na prática.



ALEIDA FURTADO, **Diretora da Faculdade de Ciências da Educação da** **Universidade de Cabo Verde**

Aleida Furtado falou de três dias de intensa partilha, participação e esperança. Agradeceu a Florian e a toda a equipa da Delta Cultura pela iniciativa e pela implementação exemplar. Segundo ela, o fórum demonstrou que é possível unir teoria e prática – e que as universidades devem comprometer-se mais com esse objetivo. Recordou que a mudança começa na sala de aula e dirigiu uma mensagem apaixonada a todos os professores: mesmo em condições difíceis, é preciso trabalhar com dedicação – porque cada aluno e cada aluna é um futuro agente de transformação.



LUÍS RODRIGUES,
Diretor da Faculdade de Ciências da Educação da
Universidade de Santiago

Luís Rodrigues destacou o significado emocional do fórum – não só para si, mas também para a região do Tarrafal. Lembrou o peso histórico do local, marcado pelo antigo campo de concentração, e contrastou-o com a imagem atual de uma comunidade ativa e empenhada. Prestou homenagem aos organizadores e a todos os voluntários envolvidos. Falou de um grande desequilíbrio entre saber e fazer: sabe-se muito, mas aplica-se pouco. É aí, segundo ele, que reside o verdadeiro potencial do fórum. Apelou à necessidade de dar esperança à juventude e prepará-la para profissões que ainda nem existem – e salientou o poder transformador (mas também o risco) da educação.



ADRIANO ANDRADE MORENO,
Diretor Nacional da Educação, Representante do
Ministério da Educação de Cabo Verde

O Diretor do Ministério da Educação agradeceu a todos os envolvidos e sublinhou a importância do fórum para o panorama educativo de Cabo Verde. O evento conseguiu unir ciência e prática e criar um espaço onde estudantes, professores e investigadores foram ouvidos em pé de igualdade. Na sua síntese, enfatizou a importância de uma política educativa baseada em evidências e reconheceu os professores como agentes centrais do progresso social. O fórum, segundo ele, foi uma ponte entre conhecimento e aplicação – e um apelo à responsabilidade partilhada por uma educação inclusiva, justa e orientada para o futuro.





PERSPETIVA

O Fórum de Educação de Tarrafal foi um começo. Criou espaços – para o diálogo, para novas perspetivas e para questões partilhadas. Os contributos presentes neste relatório refletem não apenas os conteúdos, mas também a abertura com que pessoas da ciência, da prática e da política se encontraram.

Os desafios do sistema educativo cabo-verdiano são complexos. As discussões iniciadas no fórum mostraram que não faltam ideias – o que falta são oportunidades para desenvolvê-las e implementá-las em conjunto. É precisamente a isso que este relatório pretende contribuir.

As universidades participantes estão atualmente a preparar um volume científico com base nas apresentações do fórum. Para além disso, cabe a todas e todos nós dar continuidade aos impulsos lançados – nas salas de aula, nas administrações, nas instituições de investigação e no debate público.

A Delta Cultura continuará este caminho com os seus parceiros. Esperamos que muitas pessoas se juntem a nós.

IMPRESSÕES









O NOSSO SINCERO AGRADECIMENTO

Agradecemos a todos os parceiros e apoiantes que contribuíram para a realização do Fórum de Educação. Sem o seu empenho, a sua experiência técnica e o seu apoio organizacional ou financeiro, este fórum não teria sido possível nesta dimensão.

Organizado por:



Em cooperação com:



Patrocinadores:



Sincero agradecimento ao Odair, da UNI-CV, responsável pelas fotos e vídeos do Fórum.